



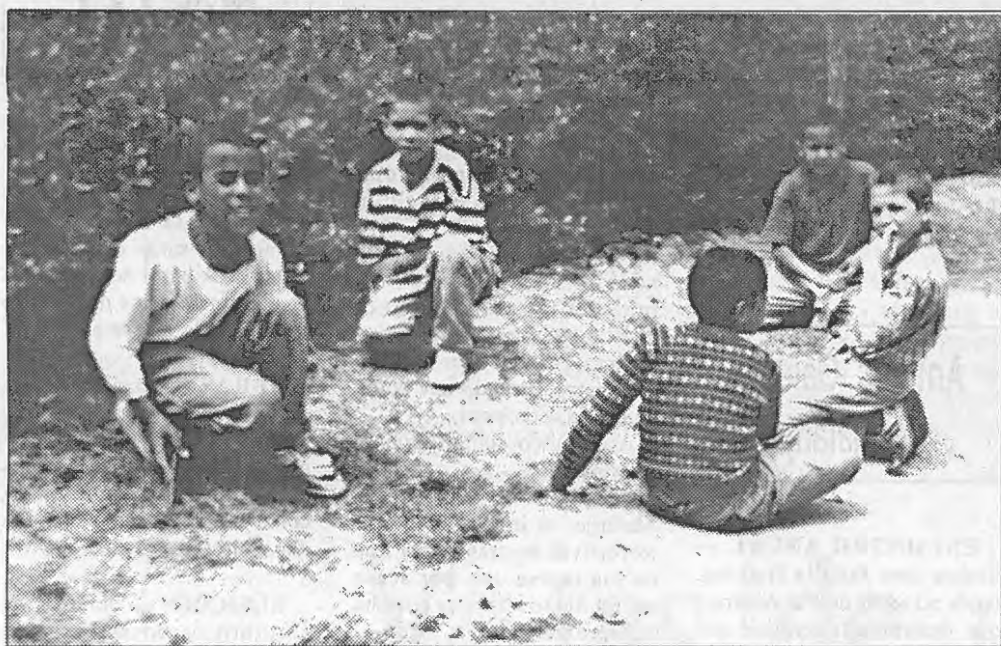
Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 14 de Outubro de 1995 • Ano LII - N.º 1346 - Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



Eles apagam assim, também fraternalmente, os vícios da rua.

CANTINHO DOS RAPAZES

O culto da facilidade

IA a dizer-vos no último *Cantinho* das rasteiras que a sociedade deste tempo nos passa, ao permitir e levantar poeiradas de ilusão que nos cegam momentaneamente e nos distraem dos autênticos valores que sempre foram, e são, o alicerce seguro para erguer uma vida sã, que nos preste e nos torne prestáveis aos Outros.

Diante de mim tinha, e tenho, uma circular dirigida a um de vós que respondeu a anúncio publicado em Jornal diário sobre a maneira de «GANHAR ATÉ 100 CONTOS POR SEMANA E AINDA MAIS, trabalhando em sua casa preenchendo e enviando envelopes segundo as nossas instruções».

Felizmente veio também uma cobrança de 3 contos que foi o que nos alertou para a carta. Esta quantia somava-se a 500\$00 que o nosso rapaz já enviara «para despesas do correio» e destinava-se a pagar as instruções, tão eficazes que «você só precisa de meia hora para compreender o sistema» e «este trabalho é tão simples que você pode fazê-lo escutando a sua rádio ou olhando os seus programas de televisão preferidos!»

Ora vejam! Então para quê a Escola, a Formação Profissional, se em meia hora se aprende «uma actividade onde você se pode tornar independente» (...) e «os ganhos são ilimitados»?! Então porquê se fala tão universalmente e com tamanha preocupação no problema do desemprego, se afinal, sem sair de casa, «quer seja na cidade ou na tranquilidade da província», se pode «ganhar tanto dinheiro tão rapidamente»?!

Ora propostas destas andam por aí em formas sempre renovadas do *conto do vigário*, que é uma instituição social radicada e se constitui cada vez mais na mais liberal das profissões. Propostas que

sempre encontram quem nelas caia, apanhado na fragilidade do seu amor-próprio pelo «você é do número limitado de pessoas desejosas de subir na vida que nós procuramos» e na ganância de, sem trabalho nem risco, dar dez e receber mil, o que é, igualmente, uma forma de vigarice.

O pior é que estratégias desta espécie cabem hoje numa palavra em voga, *marketing*, e são usadas por grandes e responsáveis empreendimentos editoriais, de alto comércio, na área da comunicação social. É ver a abundância dos concursos televisivos. Os convites constantes a telefonemas que dão prémios. Os sorteios e os brindes oferecidos a quem comprar isto ou aquilo em determinados prazos. As promoções... Tudo isto que é ganho por alguns poucos, todos têm de o pagar. Quão mais sério e justo não seria que as coisas e serviços fossem postos ao alcance de todos pelo seu valor objectivo, razoável, sem este engodo de oportunismo e da sorte que implica jogo — e onde este é, é sempre e só a banca quem ganha!

Sorte... Jogo... Ainda há pouco uma nova modalidade de lotaria teve um sucesso que excedeu as próprias expectativas de quem a lançou.

É a este clima social que eu chamo «culto da facilidade». Um culto idólatrico que não corresponde à natureza do homem e à realidade de vida. Tal clima, porque artificial e artificioso, não é saudável nem pressagia um futuro fecundo.

Isto é o que me preocupa, não relativamente às gerações que se aproximam do fim, mas a respeito da vossa, por respeito à vossa geração, rapazes que ides chegando à hora de tomar a vida em vossas mãos, e tinheis direito a começar em clima social mais verdadeiro.

Padre Carlos

Malanje dia-a-dia

26-9-95

DIZIA-ME, há dias, um missionário holandês: «*Fiquei enjoado com os costumes corruptos dos meus compatriotas, não sei se lá voltarei...*»

Apesar duma carência assustadora de alimentos e duma preocupação constante nascida das armas, ele prefere a sua missão com suas gentes, ainda simples e boas, e suas colinas verdes.

Ouvi a um amigo que viaja, amiúde, pela Europa: «*O que se estraga nesta Europa dava para alimentar toda a África!*»

Talvez haja um pouco de exagero... Mas que é sinal duma realidade gri-

tante, isso é. A mim próprio me chocou e entristeceu o ver tantas sobras atiradas ao lixo: sacos de pão duro, até debaixo de bancos de jardim; comida sobrando que vai fora; roupa que não se veste porque a moda decretou dois centímetros a menos nas golas e golinhas; trabalho jovem que poucos aproveitam, que é mais cómodo embrutecer os meninos com telenovelas e discotecas... Numa das nossas Casas consolei-me a comer um queijo delicioso (um supermercado jogou-o para nós por ter uma picadela de sabor!). Enfim, seria um não mais acabar.

E agora estou, de novo, no meio do meu povo que não tem pão nem comida bastante, não; nem casacos que cheguem nem espaços tranquilos para trabalhar.

Mesmo assim, este povo canta à luz da lua!

Que fizestes da vossa alegria, queridos europeus?!

28-9-95

CHEGAMOS. D. Maria do Céu vai a todos os cantos e fala com todos. Está cheia de esperança. Os «Batatinhas» olham ansiosos... Uma senhora para os lavar e lhes dar carinho... Não compreendem bem.

Eu tive que me sentar no «banco dos réus»:

— *Trouxe o equipamento e as chuteiras?* — atirou o Nelo.

— *Vem a motorizada?* — foi o Joãozinho.

— *E as bicicletas de pedal?* — pergunta outro.

— *Esqueceu o jogo dos matraquilhos?* — foi outro, ainda.

É duro sentarmonos neste banco! Fui respondendo que talvez... Sim, viriam no contentor no fim de Outubro.

O que é certo, aqui para nós, é que faltam ainda as chuteiras, a motorizada do Joãozinho, as bicicletas e os matraquilhos.

Que Deus me acuda por vosso intermédio...

Padre Telmo

SETÚBAL

Vítimas de crimes impunes

OZé Maria é um menino negro de olhos castanhos e aspecto aparentemente tímido que o gabinete de Intervenção Social (nomes pomposos!) da Câmara de Setúbal nos confiou há pouco tempo.

Uma criança reveladora duma civilização de crocodilo, sem hábitos humanos: nasceu, cresceu, viveu ao acaso; conforme o instinto, tal com os répteis. Até hoje, o tal gabinete não conseguiu contactar o progenitor que tem residência em Setúbal. Nem eu próprio que esperei por ele uma tarde inteira!

É pessoa com vida misteriosa. Uma arte rendosa, fascinante e vulgarizada nos tempos correntes.

Trabalha(?) em Lisboa onde tem duas mulheres,

cada uma com sua ninhada de filhos, e mora à beira do Rio Azul onde tem outra e abundante filharada. Vive só. Em casa própria. Os filhos e as mulheres, cada grupo, em seu sítio. À face da lei vigente este homem não comete nenhum crime em dar progeneritura a uma série infindável de seres humanos e em os abandonar à sua sorte, como qualquer irracional. Nem eu conheço qualquer mecanismo eficaz com capacidade de o chamar à pedra e lhe exigir o cumprimento do seu dever. Nem mecanismo nem pessoas que, assentes em estruturas sociais e delas vivendo, ponham em marcha uma acção eficiente.

Zé Maria já fugiu duas vezes. O vaguear nas ruas marcou-o profundamente e o atractivo da Casa do Gaiato é submerso sob o desejo aliciante da libertinagem.

Encontrou-se aqui com o Bruno, que já veio de Paço de Sousa, passou por Coimbra de onde fugiu

sempre, fazendo agora experiência em Setúbal.

O Bruno é vítima duma tragédia humana indescritível que devo guardar.

Os dois juntos apoiavam-se nas fugas. Na última foram pôr fogo a umas enormes estufas circunvizinhas, mas sem grandes estragos, acidentalmente. Hoje fala-se tanto na falta de segurança e criam-se remédios irrisórios e banais que só aparentemente poderão resultar em segurança objectiva. É urgente cultivar os alicerces de toda a estabilidade. Estes meninos, que poderiam ser amanhã uns criminosos, são vítimas de crimes impunes — e ninguém é chamado à Justiça.

Antes de se porem polícias na rua é imperioso desinstalar tanta gente que em gabinetes aquecidos ou refrescados, nas Seguranças Sociais, nos Tribunais, nos Institutos de tanta inutilidade e despesa, só geram papelada vã.

Padre Acílio

Conferência de Paço de Sousa

UM DEFICIENTE — Agora, que a Medicina mais não pode fazer àquele homem jovem que, por acidente, ficou com um braço imobilizado, procuramos uma solução, mesmo precária, para o seu futuro profissional. A nossa missão fundamental é dar uma cana para pescar...

Se a vida dum ser humano fosse acautelada em todo o sentido, ele iria logo para um departamento de reabilitação, inclusivé de ordem profissional. Seria, digamos, a cura total de que a ciência disporia para o efeito, dando-lhe a hipótese de melhores condições de vida no futuro.

Ora bem; um vicentino meteu-se a caminho e andou, por lá, procurando suprir a omissão oficial. É de crer que o deficiente seja acolhido e receba formação e prótese. Depois, poderão inclusivé encaminhá-lo para um posto de trabalho em função das suas limitações. Não há muitos departamentos desta ordem, no País!

Há vários anos, em um país da Comunidade Europeia, caso semelhante *rolou sobre esferas* e a entidade que *reabilitou*, física e profissionalmente, o deficiente, cedeu-lhe até, por fim, um investimento para abrir, trabalhar e gerir um pequeno estabelecimento de venda e reparação de calçado...!

PARTILHA — Seis mil, da «Avó dos cinco netinhos» — Setúbal — *pequenina contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É relativa aos meses de Agosto e Setembro. Estive ausente em Agosto, marquei falta, mas apresso-me a cumprir o dever — que me dá tanta alegria.*

A remessa habitual da assinante 31104, de Lisboa, com um *«bem haja pelas palavras que constam d'O GAIATO. São um bálsamo para quem não tem ninguém. Como elas me fazem bem!»*

Dez mil, de velha Amiga residente em Penafiel.

Mil, de *«Mãe que crê em Deus»*. Óbolo sempre remetido em Agosto, qual *«pequenina gota de água no Oceano para ajudar os Pobres mais carecidos»*.

A presença quinzenal da assinante 14493, do Porto, com dez mil, relativos ao mês de Setembro. Acrescenta: *«Espero que todos tenham regressado de férias para vencerem o novo período de trabalho árduo que aí vem»*. Obrigado.

Por fim, pequeninos objectos de ouro, desaparelhados, aqui entregues, não sabemos de quem nem donde, e o tesoureiro da Conferência, que é ourives, reduz o donativo a escudos — para a Conferência.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

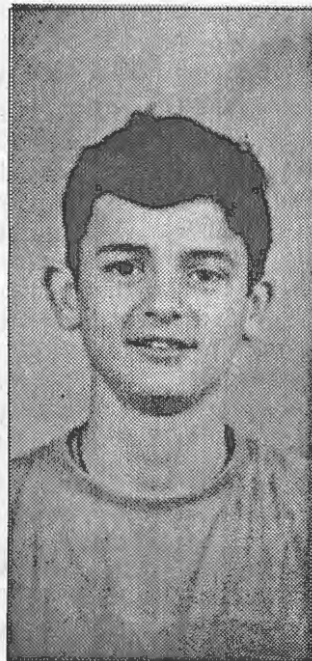
O Convívio
dos malanjinjos

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

CHEFE-MAIORAL — No sábado, 30 de Setembro, tivemos a eleição do chefe-maioral. Houve três candidatos: Mauro, Joaquim e Tavares. Resultado do escrutínio: Mauro 48 votos, Tavares 16 e Joaquim 7. Não foi preciso segunda volta!

Felicitemos o Mauro pela confiança que nele deposita a comunidade.



Mauro, novo chefe-maioral.

VINDIMAS — Correram muito bem e tivemos uma boa vindima. A maior parte das uvas seguiu para a quinta da Avelada (Penafiel).

AULAS — Estão a decorrer da melhor forma. Já temos todos os livros. Agora preciso é aprender. Hoje não se é nada na

vida sem uma boa formação escolar.

TAREFAS — Houve mudanças de trabalho. Estão todos contentes, até porque, este ano, foi mais cedo esta operação.

OFERTAS — O Continente tem-nos dado muitas coisas boas. Agora: pão, gelados, carne, fruta, bolos, etc.

CONTENTOR — Seguirá mais um para a nossa Casa do Gaiato de Malanje, com muita roupa, muita comida, além de outros objectos necessários à vida da comunidade. O nosso Padre Telmo esteve por cá, mas já partiu.

José Manuel «Pepino»

FUTEBOL — O Grupo Desportivo não podia ter começado a época da melhor forma para ambos os escalões.

No sábado, a nossa equipa de juvenis derrotou por 11-1 uma outra, dos arredores do Porto. Foi a estreia oficial do novo treinador «Cenoura». Não teve grandes problemas na organização e tática do grupo.

Também os seniores tiveram futebol e somaram já mais duas vitórias num só dia.

No domingo, de manhã, defrontámos um grupo de jovens de Lousada. O adversário não mostrou o futebol que talvez desejara e quem ganhou com isso fomos nós. Vencemos por um claro 18-2.

No mesmo domingo, mas de tarde, defrontámos uma equipa do café Alfa, do Porto.

No ano passado contra esta mesma equipa empatámos 2-2. Este ano, o jogo também foi muito difícil, mas em compensação vencemos por 5-3. Ficaram também marcadas as boas exibições de alguns dos nossos jogadores.

Mas, antes dos dois prélios, o nosso técnico (Lupricínio), pediu muita concentração e boa disposição para enfrentarmos o adversário.

«Vitinho»

Antigos Gaiatos de Malanje

ENCONTRO ANUAL — Somos uma família fraterna, unida ao ideal de Pai Américo que devemos transmitir aos nossos irmãos, no trabalho, na escola, em qualquer lugar.

Temos consciência das dificuldades encontradas no dia-a-dia e, por isso, fazemos a nossa paragem, indo ao encontro de alguém que nos ajuda a *reabastecer as baterias* para novas energias, novas forças e nova confiança. Temos sede e procurámos saciar-nos.

Durante o convívio enchemo-nos de alegria. São dias diferentes e de união fraterna onde procuramos acompanhar os nossos filhos e netos a irem ao encontro da Obra da Rua e da nossa Casa do Gaiato de Malanje.

A chegada do nosso Padre Telmo, a Lisboa, foi discreta. Alguém o descobriu e não lhe demos tréguas até conseguirmos a sua presença num almoço de boas vindas, deliciosamente familiar, na casa do Falcão, em Cascais. Aqui, programou-se festejar os 50 anos do Pedro na bonita cidade de Setúbal com alguns irmãos presentes.

O mais importante era o dia 9 de Setembro — o nosso convívio. À chegada foram os abraços e as preocupações se fulano e sicrano apareceriam. A carrinha da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde vinham os

gaiatos residentes no Norte, foi a última a chegar. Trazia o nosso Padre Telmo, como sempre, discreto e cheio de simplicidade.

Padre Manuel Cristóvão já nos esperava na bonita casa de praia da Casa do Gaiato do Tojal e logo «roubou» o nosso Padre Telmo, por alguns momentos, dizendo que só ele o poderia «confessar».

Ao almoço contabilizámos os presentes:

Três casais antigos, de Malanje, os irmãos do Mário, respectivas esposas e uma irmã da sua esposa que, por acaso, até foi muito activa na cozinha. Aparece sempre!

O Quim, meu irmão, veio da Madeira, onde reside, para nos dar um abraço. Também contámos com o Lupricínio, o que muito nos agradou.

Tivemos a alegria de conhecer mais uma bisneta da nossa Casa do Gaiato, a neta do Manuel «Barrigas» com um mês e meio de idade. Como é grande a nossa família! Muitos parabéns aos pais e avós.

Padre Horácio tem acompanhado os nossos encontros. Temos por ele muito carinho. Não se esqueceu de trazer uvas e pêssegos. Apareceu um pouco mais tarde, mas a tempo de saborear a última refeição deste convívio.

Foi decidido entregar a organização dos próximos encontros aos nossos filhos. Não será fácil, nós sabemos. Por isso, vamos acompanhá-los durante uns anos. Que seria das Casas do Gaiato se não fossem os mais velhos orientarem os mais novos?

A meio da reunião Padre Telmo apresentou a senhora que foi para a nossa Casa do Gaiato de Malanje, saudada, de pé, com muitas palmas. Que tenha muita alegria, muita paz e muito amor para dar aos nossos rapazes.

Padre Manuel Cristóvão: a nossa gratidão pela disponibilidade, simpatia e amor que nos ofereceu. Foi incansável. Sem a sua ajuda e presença este encontro seria mais pobre e não teria o significado familiar que desejamos.

A organização do próximo encontro, a realizar no Norte, no segundo fim de semana de Setembro de 1996, está a cargo do Mário, Sãozinha (filha do Fernando Dias), e Paulo (filho do Manuel «Barrigas»). O Mário foi apanhado de surpresa. Nós gostamos da presença deste casal e, para se entusiasmarem, nada melhor que um trabalhinho.

Tomás e Marília, esposa do Nelo, cumpriram o programa.

O Manuel «Barrigas» deu um jantar de despedida ao nosso Padre Telmo. No fim, entregou-lhe uma linda imagem

de Nossa Senhora de Fátima para a nossa Casa do Gaiato de Malanje — e logo ditou: «Vai ser colocada na nossa gruta».

Ao nosso Padre Telmo e à senhora D. Maria do Céu, que foi para Malanje, desejámos boa viagem. Ficamos com saudades e esperamos notícias de Paz e Amor para todos os angolanos e que a guerra não volte a trazer mais fome e miséria.

Manuel Fernandes

TOJAL

ESCOLA — São mais de quarenta rapazes no 2.º e 3.º ciclos do ensino básico. E mais de cinquenta no 1.º ciclo. Começam a surgir datas para os testes e da parte dos alunos já pensam nas férias de Natal e conclusão do 1.º período!

OBRAS — Estamos agora na casa-mãe e, pelos vistos, daqui a algumas semanas ficará pronta. Depois de vários anos com a mesma estrutura, nada como um bom arranjo e pintura que realçarão a sua beleza.

ELEIÇÕES — No dia 1 de Outubro os nossos rapazes mais velhos foram votar. Alguns, confiantes; outros, com esperança; e ainda aqueles que votando, sabiam que o seu voto faria alguma diferença.

João M. Fernandes Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ao darmos conta das nossas visitas, nas reuniões da Conferência, por vezes é com tristeza que o fazemos. É o caso duma mãe com dois filhos; a rapariga tem catorze anos e o pequeno nove. É divorciada e nunca recuperou totalmente da separação. Por vezes vai trabalhando, ultimamente numa casa de pasto como empregada de mesa. Aqui, a vida começou a complicar-se: chegava tarde a casa e embriegada. Tentámos ajudá-la a encontrar solução para os problemas mas, quando tudo parecia encaminhado, voltava atrás com desculpas.

A filha corria perigo devido ao ambiente à sua volta. Falou-se com a avó e foi para junto dela e do pai. Procurámos entrar em contacto com ela. Informou que o pai dera a escolher à filha: ou ficava lá ou ia para a mãe. Já lá não está, mas junto desta e grávida de cinco meses. «Casa roubada tranca a porta.» A filha vai para junto duma tia, no Sul, e o pequeno para outra tia. Até quando?

Uma mãe solteira pede ajuda, pois ao ter o quarto filho os médicos descobriram que estava cancerosa. Devido à doença está muito magra, sem forças, junto dos pais que a ajudam no que podem. Mas os anos não perdoam e também já lhes faltam forças. Além da alimentação o problema maior é a roupa, lavada no tanque.



BENGUUELA

Educar é construir

É o fim do dia. O silêncio cobre todos os cantinhos da Aldeia. À hora em que estas notas são escritas, os rapazes recolheram a suas casas onde os esperava a cama com lençóis lavados. O dia acabou para eles. Para nós, não.

Um pouco da história de cada um continua a prender a nossa atenção, sobretudo quando algum acontecimento pessoal, ao longo do dia, revela o que anda escondido no seu mundo interior.

Educar é construir. Há, diante de nós, um edifício humano cujos alicerces têm que ser reconstruídos em cada um. A sociedade donde vêm estes garotos não construiu. Abandonou-os à sua sorte, em grande parte. Agora, é o trabalho de reconstrução. É o trabalho da Casa do Gaiato. Eles são sempre mais vítimas do que réus.

Estas notas são inspiradas num acontecimento deste dia que está prestes a chegar ao fim. O pequeno, com 12 anos, vive conosco há mais de dois. O pai deixou-o

entregue à mãe e foi-se. Rapariguinha ainda adolescente, não foi capaz de segurar e conduzir o filho, ao entrar na segunda infância. Muito esperto, muito vivo, entrou cedo na escola da rua onde apanhou tudo o que a rua tem para dar a estes filhos.

Uma criança sem afecto é desequilibrada

Uma criança sem afecto é desequilibrada. Está aqui uma das principais razões que tornam as crianças em situação difícil, como vulgarmente se diz. Foi o que aconteceu ao nosso pequeno. Sem afecto, o desequilíbrio tomou conta dele. Sem um coração de pai ou de mãe a que se agarrar, começou a prender-se às coisas dos outros. Foi o princípio do hábito mau de roubar.

Em nossa Casa, para onde veio há mais de dois anos, a carência que o afectou, desde os primeiros tempos lá de fora, continua a marcar a sua história, embora não passe necessidades. O alicerce está viciado e há que refazê-lo. Hoje foi mais um dia em que a ferida sangrou. A estas horas, enquanto

ele repousa numa cama de lençóis lavados, estamos a pensar em como havemos de o ajudar a curar-se.

Educar é trabalho de muita paciência e de muito amor. É certo que, sem a colaboração do educando, pouco ou nada se pode fazer. Despertá-lo para esta colaboração é o primeiro passo a dar. Só com muito amor. Sem este, a técnica não vai longe. Pai Américo captou esta sabedoria na vida: «Técnico é todo aquele que ama». Vamos aprendendo. Temos esperança. Educar com a Porta Aberta é caminho eficaz para «fazer de cada rapaz um homem», mas é caminho doloroso, estreito e com muitas armadilhas. É o caminho certo, entretanto. Estamos, por isso, a caminhar muito lentamente.

Não resisti a dois pedidos urgentes

Não resisti a dois pedidos urgentes para receber dois pequenos sem nada e sem ninguém. Foram encontrados semi-mortos por causa da subnutrição. Acompanhados, depois, por pessoas amigas que os

recolheram, conseguiram sobreviver. Entraram, agora, em nossa Casa. Foi preciso, entretanto, juntar mais as camas e pôr mais uma mesa no refeitório. Espero que não há-de faltar o necessário para que estes filhos cresçam e sejam salvos.

O ano escolar está a chegar ao fim. Mais um grupo de rapazes avançará para o ensino secundário. Andam à roda das três dezenas, mais alguns a quem ajudamos, de fora da Casa. Tenho que pensar no transporte deles, pois o ensino, nestas classes, é ministrado fora de portas, a alguns quilómetros de distância. O carro que, ora temos, é pequenino demais para levar tanta gente. É um problema que, a seu tempo, será resolvido. Assim tem acontecido com outros. Não fosse a ajuda que nos chega dos nossos amigos de longe, as pernas não aguentariam a caminhada. Queremos fazer tudo o que pudermos com o nosso trabalho, na certeza de que o resto não nos faltará. É a Fé e a experiência que no-lo confirmam. Por isso, esperamos confiadamente.

Padre Manuel António

Agora, sem forças, a roupa do corpo vai-se amontoando e tardando a ser mudada. Fazia jeito, mesmo usada, uma máquina de lavar roupa em bom estado.

Bem haja pela ajuda que dão aos Pobres.

Adelaide e Zé Alves

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Já tirámos o milho (grão) das espigas. De dia espalha-se na eira e à noite recolhemo-lo.

Temos uma boa colheita. Deu muito trabalho. O certo é que já está acabado. As terras da batata estão prontas para serem cultivadas.

OBRAS — Vão andando com trabalho custoso, mas lá se faz. Durante a semana destruímos o resto do edifício da escola com as máquinas que andam cá a trabalhar. Tirámos o tecto, por cima do salão de festas, e aproveitámos as telhas que ainda estão boas.

GADO — O vitelo está grandito e também já dá uns pinotes. As frangas estão prestes a pôr ovos. Esperamos ter mais ovos. Uma porca teve sete leitões e não morreu nenhum.

PEDIDO — Precisamos urgentemente de uma máquina de costura. Pedimos aos nossos Amigos a oferta de uma, porque, é evidente, numa comunidade tão grande não falta roupa para coser. Obrigado.

Rul «Pequeno»

PENSAMENTO

A educação não quer fórmulas; basta a expansão do amor.

PAI AMÉRICO

Vistas de dentro

As nossas eleições

FIZEMOS a eleição dos nossos chefes. Um acto muito sério e respeitado. Não houve propaganda. A propaganda que às vezes se faz, mais parece a dos feirantes a apregoar a «banha da cobra».

À hora anunciada estava a comunidade toda reunida na grande sala. À frente, uma mesa com caixa e maço de folhas de papel em cima. Em cada folha os nomes dos três elegíveis. De cada lado um peitoril de janela com esferográfica poisada. Dois escrutinadores chamados do grupo ocuparam os seus lugares.

Começámos por invocar o Espírito Santo e rezámos o Pai Nosso e Avé Maria louvando o Pai e a Mãe e pedindo a Sua ajuda e bênção. Um dos mais velhos leu um «Cantinho» de Pai Américo, de esclarecimento: «A Obra da Rua é uma Grande Família Portuguesa que contém em si os elementos precisos para fazer de cada rapaz um homem de bem. Nós, os Maiores da Casa, estamos para aconselhar e orientar; mas espreitar não. Nunca».

Houve uma palavra explicativa. O chefe é aquele que conduz. O que tem de estar mais atento. O mais sacrificado. Não é o soba que manda, nem o polícia que vigia. A sala toda ela era silêncio. Os escrutinadores começaram a chamar dois de cada vez. Cada um escrevia uma cruz no quadrado do nome do seu preferido e entregava o voto dobrado em quatro que o escrutinador introduzia na caixa.

Feita a contagem o chefe-maioral safu eleito na primeira votação com mais dez votos dos que os necessários. O segundo ficou sub-chefe.

Tudo em família. Tudo nos pareceu muito sério e consciente. Tudo a testemunhar que «a Obra da Rua é uma grande Família Portuguesa que contém em si os elementos precisos para fazer de cada rapaz um homem de bem».

Padre Horácio

Uma marca no meu coração

(...) Leio O GAIATO devotadamente. O jornal é sempre um veículo para a 'comunhão dos santos' que nós proclamamos no Credo!

Foi com uma certa emoção que recebi o Famoso com a mensagem de sempre — anunciar ao povo que Jesus desceu aos infernos e ao terceiro dia ressuscitou dos mortos. Na realidade Jesus desce ao nosso inferno (sempre que não estamos em comunhão com os Outros) e depois ressuscita-nos!

Lembro-me que em mil novecentos e sessenta vos conheci na então cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo. A 'pregação' do padre Carlos na sessão realizada no cinema 'Manuel Rodrigues' deixou uma marca no meu espírito. Julgava eu que o mérito da Obra da Rua estava na circunstância de a mesma acolher, sem condições, crianças sem família e

Cartas

abandonados. Mas não. O que estava em causa era a manifestação do amor de Deus através daqueles que, acreditando no Evangelho, deixam tudo para se ocuparem dos Pobres. Uma manifestação real do Poder de Deus entre os homens!

Assinante 31630

Escola

Envio este cheque para acudir a alguma das muitas necessidades que vos preocupam. Metade do seu valor foi oferecido pelos meus alunos do 2.º ano do Ensino Básico.

Assinante 16065

Alimento para matar a fome

Uma pequena importância acompanhada de um grande desejo: que o jornal continue a ser alimento para matar a fome a tantos que necessitam de uma sã leitura, pelo menos quinzenalmente...

Assinante 15040

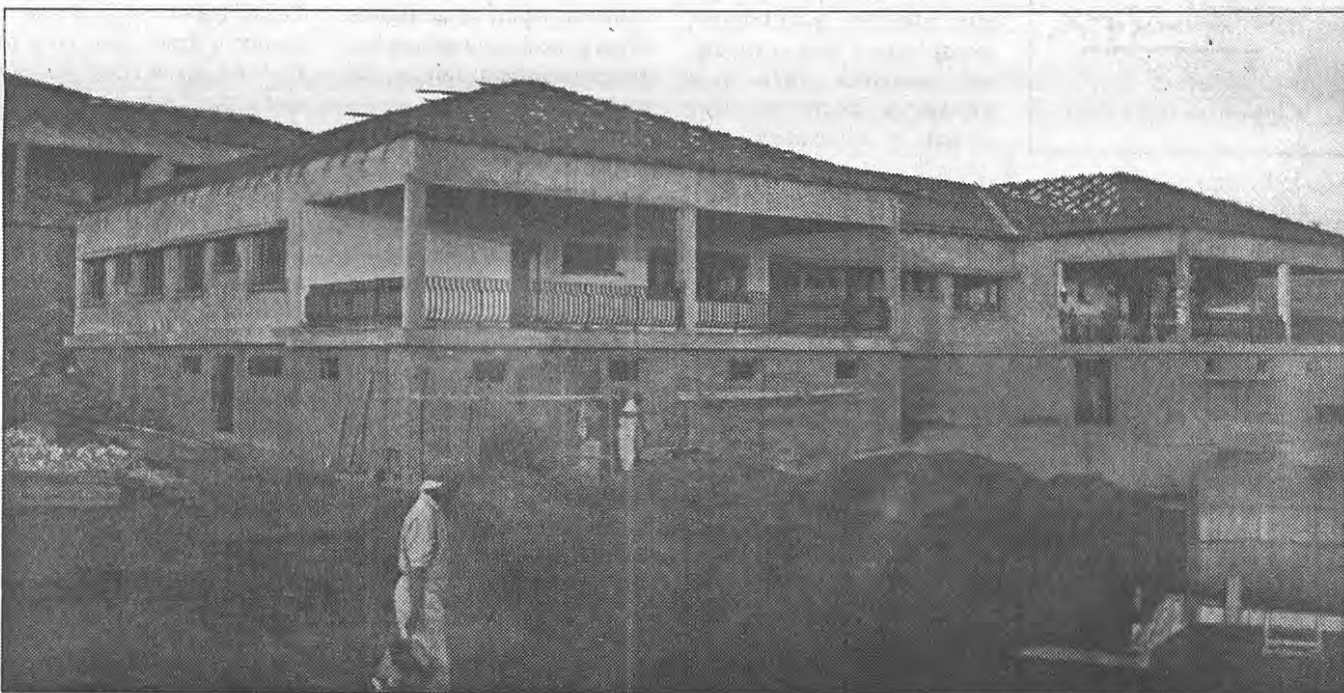
Luz

para este mundo cada vez mais às escuras

Vou sentir a falta destes contactos quinzenais mantidos ao longo de uma vida, mas dou graças a Deus porque O GAIATO continua... a ser Luz para este mundo cada vez mais às escuras.

Saúde e Paz para todos.

Assinante 62667



Outra perspectiva da construção da Casa do Gaiato de Moçambique

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Setembro: 72.833 exemplares.

DOCTRINA



Na impossibilidade de acudir a tudo, desejamos fazer bem o pouco que se pode.

A gente não leva a mal, nem tão pouco se enfada, com os pedidos e solicitações que de vários pontos do País acodem à nossa porta, sobre as mais angustiosas situações da vida de gente pobre, de gente rica e de gente remediada — que a miséria tem seus graus e suas tonalidades. Sim; a gente não se cansa de sofrer as tuas dores, somente tem pena de deixar as cartas sem resposta por trazer as mãos ocupadas em casos semelhantes aos teus. Nós não temos casa de comissões e consignações; somos negociante de conta própria, com freguesia criada.

A pobreza envergonhada, a doença inclemente, o «vá ver com os seus próprios olhos, padre», são muitas vezes lugares conhecidos por onde há muito transitamos, de conta própria. Aquele caso desesperado que nos apresenta, único, no teu parecer, tem outro semelhante na porta mais abaixo, escondido e vivo na nossa alma — e tu não o conhecias!

A história da tua vida, relatada por ti mesmo com tinta dos teus olhos, «sem par no mundo», como dizes, é gémea da história de outras almas que suportam, a seu modo, a mesma Cruz que tu levas — e que nós, já ocupados com ela, há muito procuramos aliviar!

TEMOS clientela feita, não nos podemos ocupar com os negócios dos mais. Sobretudo agora, que a gente se estabeleceu no coração da cidade com o Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios, não há ninguém que não venha bater à nossa porta com o cartão da *senhor* que envia muitos cumprimentos, ou com o recado verbal da *senhora dona xis*, ou com o próprio menino pela mão num esperançoso «aceite-me esta criança, que tenho mais em casa, sem nada que lhes dar». Ora, a verdade é que nós já comprometemos nossas forças neste negócio de conta própria. Lar do ex-Pupilo das Tutorias e dos Reformatórios do País é uma instituição particular para amparo e orientação dos Menores que tiverem atingido o limite de idade dentro dos Estabelecimentos do Estado, sendo, por essa razão e em virtude das leis, entregues às famílias, aos tutores ou à rua — e não podemos receber consignações de ninguém. Isto vem demonstrar, assustadoramente, quanta não é, no mundo, a aflição injusta e imerecida das famílias deserdadas que preferem sofrer a ausência forte de seus filhos do que a presença esfaimada dentro do pardiouro!

Padre Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)



No Alentejo, visitámos bairros do Património dos Pobres.

Tribuna de Coimbra

Multiplicam-se os gestos de partilha

SÃO muitos aqueles que seguem com interesse a nossa vida diária e de muitas formas manifestam o seu carinho em partilha fraterna. Muita gente sabe das nossas necessidades e procura vir ao nosso encontro em palavras e, como estas não cheguem, multiplicam-se os gestos de partilha.

É com este espírito que demos a volta ao nosso livro de «Deve e Haver» e, como em outras ocasiões, queremos dar a conhecer gestos pequenos ou grandes, alguns abnegados, mas todos conhecidos por Deus, fonte de alegria para aqueles que repartem com simplicidade e caridade.

Abrimos com a presença da Escola de Formação Social de Leiria, 20 mil escudos. De Coimbra, 100 mil. O casal amigo dos Cebolais com 10 mil. De Tires, 100 mil. Mais 100 mil, de Coimbra. A recordar um sacerdote nosso amigo, 100 mil. A catequese de Penacova, 29 e seiscentos. De algures, para cumprir uma promessa, 5 mil. A Paróquia de Alvaiázere com 40 mil e seiscentos. Mais tarde, uma catequista de lá, 90 mil e outra com 40 mil.

Uma excursão, de Salvaterra de Magos, com 15 mil e setecentos escudos. Mais 15 mil, de Coimbra, para o cumprimento de uma promessa. No Lar de Nossa Senhora das Dores, em Vila Real, os velhinhos ali residentes, com 25 mil. Um sacerdote amigo, de Seia, já falecido, não nos esqueceu no seu gesto de bem repartir os bens.

Uma catequista dos nossos com 50 mil. Um sacerdote vizinho, com 20 mil. No Lar, a presença do nosso Amigo dos 7 mil mensais. Dez mil, e resposta a um apelo d'O GAIATO. «Para o que achar mais conveniente...», 40 mil. Da Figueira da Foz, 17 mil. Respostas várias aos apelos do Património dos Pobres, de Coimbra e do Fundão, 150 mil. Da Póvoa de Varzim, 50 mil. Uma excursão, de Leiria, 11 mil e quinhentos. Mais 30 mil, no Lar. Zeladoras e Associações do Apostolado de Oração, de Santa Cruz, 19 mil e quinhentos escudos. Uma excursão, de Porto de Mós, com 19.542 escudos. O Colégio de Nossa Senhora de Fátima, em Leiria, 37 mil 492 escudos. Da Paróquia do Eira Pedrinha, 62 mil e quinhentos. Das nossas Irmãs de Condeixa, 25 camas que estão já ao serviço no rés-do-chão e notas que somaram 90 mil. A Escola Primária de Gramaços, Oliveira do Hospital, com 14 mil cento e cinquenta escudos. Jovem da Marinha Grande, 50 mil. De Oeiras, 50 mil. De Montemor-o-Velho, 2 mil e 500. Um dos nossos com 15 mil. O nosso amigo Libério com os 3.350 mensais. De S. Martinho da Gândara, 11 mil. A catequese de S. Martinho do Bispo com 98 mil 815. Um sacerdote da serra com 25 mil. Mais 7 mil, da Escola Brotero. Em casa, um visitante com 17 mil. Do Gavião, 20 mil. A Imelda com os habituais 100 mil. De Chão de Couce, por uma promessa, 150 mil. Do Lar de S. José, da Covilhã, 10 mil. Uma Rosa, de Celorico, 30 mil. Dez mil, para recordar Pai Américo. A catequese de Maceira-Liz com 23 mil. Geraldês

Freire, 20 mil. «Pequena contribuição», de Coimbra, 160 mil. Outra vez a Imelda com 100 mil. Uma Alzira, de Coimbra, 40 mil. Outros tantos, com a indicação seguinte: «Para as vossas férias e obras...» Por mão do nosso Padre Horácio, 30 mil. Na abertura de uma nova agência bancária, na Lousã, 25 mil. Mais 70 mil, em Coimbra. Outra vez o casal Carmona com 50 mil. Trinta mil, da Anadia, com a orientação do Património dos Pobres. Na Casa do Castelo, duas voltas por lá somaram 220 mil. Mais 19 e 600 de Editora Mar Arte. Dr. Severino, 50 mil. A Catequese de Assafarge, 16.420. A Eulália, 150 mil. De Tomar, 15 mil. Outra vez os habituais 20 mil, do Gavião. Outro tanto, de Soure. Uma viúva reformada, de Miranda do Corvo, 28 mil. Uma Isabelita, 200 mil. Outra vez em Vila Real, 20 mil, dos velhinhos. Mais 25 mil, no Lar. Também, no Lar, quatro maços de notas de cinco, a fazer a boa conta de 200 mil. Finalmente, o casal de Castelo Branco que nos dá a merenda (a mim e aos vendedores) quando por lá passo e muitos quilos de mel, rubrica sempre, na despedida, o cheque, ora com 50 ora com 100 mil. Contas que o Pai do Céu sabe: créditos de Vida Eterna.

Foi assim folheado desde Maio, até à data, o nosso livro. É possível que haja algum gesto de Partilha mais escondido. O Pai do Céu sabe tudo. Nós Lhe agradecemos a graça de podermos contemplar a dor, a generosidade e alegria contidas em tantos destes gestos de bem-repartir.

Padre João

Bons frutos

DESTA vez a nossa visita foi a terras do Alentejo. A primeira paragem foi já distante, em Vila famosa por seus tapetes e castelo.

Dirigimo-nos a casa do pároco da freguesia que nos acolheu com estima. Começámos por saber de dificuldades levantadas pelos habitantes das casas do Património dos Pobres. Respondeu: — *Sou um homem de paz e as dificuldades, geralmente, resolvem-se com o tempo. As pessoas julgam-se senhores absolutos das casas e entendem que*

Património dos Pobres

devem ficar para os filhos ou familiares.

Falou da obra da sua paixão: o Lar de Idosos. A casa foi construída para Calvário. Pai Américo ajudou a construí-la. Veio a ser utilizada para Lar de Idosos. Agora, está toda ocupada e sentem-se muito felizes. Ele sente-se também feliz.

Seguimos para outra Vila, também ela encimada pelo castelo e célebre por ser berço de santo que foi modelo de dedicação aos mais abandonados. Parámos junto do bairro do Património dos Pobres. São onze casas todas elas caiadinhos de branco. Entrámos onde se abriu uma porta. Uma senhora, mãe de filhos, e que tem a seu cuidado o pai com oitenta e quatro anos e é cego já há muito. Encontrámos o ceguinho, no quarto, sentado na beira da cama. Cama bonita e asseada, quarto muito limpinho.

Quando lhe disse quem era

e o motivo da minha visita, os olhos cegos faiscaram de luz e o semblante todo ele resplandeceu de alegria e gratidão e começou a desabafar: — *Padre Américo veio na hora de Deus. Foi Deus que o trouxe e o ajudou a fazer casas para os Pobres. Esta casa foi-nos dada por ele. Foi Padre Américo que veio à inauguração deste bairro. Já lá vão quarenta anos. Foi uma grande esmola. Eu já devia trezentos contos da renda da casinha onde vivíamos. Depois consegui pagá-los. Aqui damos só quarenta escudos por mês. É pouco, mas é uma lembrança. Padre Américo é um grande santo.*

Naquela casa só um dos filhos está agora desempregado. No bairro toda a gente trabalha em serviços humildes. Só um dos habitantes, bastante difidente e órfão de pai e mãe, vive daquilo que lhe dão e dos recados que avia.

De novo à estrada rumo a outra Vila, que ainda há pouco era aldeia e agora já é grande povoação. No sítio onde era o bairro está moderna e grande fábrica. Recordo a inauguração festiva daquele bairro. Os proprietários da fábrica mandaram construir casas de habitação e desalojaram aquelas famílias. Agora fazem parte dum grande bloco de moradias conhecido por toda a gente: *Bairro dos Pobres*. Dirigimo-nos ali e no cruzamento de duas ruas, à sombra duma árvore, encontrámos quatro idosos sentados nos bancos e agarrados às suas bengalas caseiras. À nossa pergunta onde eram as casas dos Pobres, quiseram responder os quatro ao mesmo tempo: «*Todas as da direita e todas as da esquerda*».

Ficámos com a impressão que faz ali falta um lar para idosos, para não terem de procurar a sombra e o convívio fora de casa e de arrastarem consigo os bancos para se sentarem.

Era o fim do dia. Regressámos a Casa contentes com os bons frutos já colhidos da dedicação e testemunho de vida de Padre Américo. «*Foi Deus que o trouxe e ajudou a fazer casas para os Pobres*».

Padre Horácio